PERO COELHO DE SOUSA

REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

PERO COELHO DE SOUSA

POR

GUSTAVO BARROSO
Do Instituto Histórico Brasileiro

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
1 9 4 0

Esta publicação foi autorizada por despacho de S. Ex.ª o Ministro das Colónias, de 13 de Maio de 1939

EDIÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS COMEMORATIVA DO DUPLO CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

PERO COELHO DE SOUSA

ABRIA-SE o século XVII.

Esvoaçando nos topes de pesadas e bojudas náus de guerra, farfalhando sôbre aguerridos terços de sólida e famosa infantaria, a bandeira áurea-rubra de Castela e Leão dominava altaneira do gôlfo azul de Nápoles às areias do cabo Sable, dos verdes arquipélagos do mar de Colombo aos lhanos selvagens da Patagónia.

Para o imperialismo espanhol, o Tirrénio fôra até então o *mare nostrum*. Dos portos catalães haviam partido os famigerados almogávares que conquistaram a Sicília para a casa de Aragão e se densencadearam como tempestade de ferro e fogo sôbre o combalido Império Bizantino, cujos capitães foram megaduques de Atenas ou deixaram crónicas de fulgor literário, como Raimundo Muntaner e Berengário de Entença.

Nas ilhas Baleares estadeavam as galeras ligeiras para dar caça às fustas barbarescas que vinham piratear naves e litorais, perfilando nos horizontes glaucos e translúcidos os triângulos parduscos das velas levantinas. As carracas pejadas de douraduras, eriçadas de artilharia de bronze, coroadas de imagens e

de cruzes, iam bombardear os portos das Regências muçulmanas. Os galeões grossos, que velejavam na derrota de Malta ou de Veneza, haviam, sob o comando de D. João de Austria, desfeito a armada turca em Lepanto. As caravelas esguias saíam de Palos de Moguer, como um vôo de gerifaltes, no dizer do poeta, rumo às Índias Orientais e Ocidentais.

Em Nápoles, um governador espanhol. Na Sicília, um vice-Rei. Génova fenecera ao cêrco dessa preponderância sem par. Marselha e Livorno abafavam. No corpo da França, esmagada anteriormente em Pavia, uma cunha : — o Rossilhão. No Mar do Norte, um desembocadouro: — as Flandres. As Américas. As Índias. As Molucas. Tudo o que era espanhol geogràficamente tinha plural. Se Espanha eram as Espanhas, isto é, todos os reinos mouros e cristãos da Península unidos sob a bandeira de Castela e Leão, a Áustria, então, eram tôdas as Alemanhas e ainda as Lorenas. Áustria e Espanha condecoravam-se com o Tosão de Ouro e nos estarcões dos arautos ou nos pavilhões flamejantes, as velhas águias imperiais bicéfalas desfraldavam as asas heráldicas.

Então, Lazarillo de Tormes, o menino de cego, Estevinho Gonçalves, o moço de barbeiro, e Gil Braz de Santilhana, o rapaz sem eira nem beira, percorriam o mundo espanhol pelas estradas ensopadas de sol, onde levantavam o pó as récovas dos almocreves e as chusmas dos galés; pelas híspidas serranias, refúgio outrora dos Pelágios e, depois, alfurjas dos ciganos e bandidos escapos aos quadrilheiros da Santa Irmandade ; pelas cidades arquiepiscopais e universitárias — Segóvias, com betesgas crepusculares, gradis de ferro trabalhado, vasos de cravos e manjericão às janelas, brasas negras de olhos femininos por trás das reixas e das mantilhas, mendigos impassíveis e altivos

— grão-senhores da vagabundagem, chapéus emplumados e cadeirinhas de arruar, emboscadas e rondas, algazarras de estudantes e serenatas de guitarristas, cantochão de clérigos e trinados de carrilhões batendo asas no céu de anil... As Giraldas. As Alhambras. Os Alcaçares. Os Escuriais.

Ainda mais. Cavalgatas e bafôrdas. Procissões e Autos da Fé. Repastos de falcões e gerifaltes nobres à porta dos açougues mouriscos. Marranos e judeus de rodela e rabo cosendo-se, desconfiados, à sombra das paredes. Matamouros bravateando à porta das tavernas. Monjas-alferes arrastando a baínha da espada no pedregulho dos cais. Frades de biôco pardo chocalhando as camândulas no átrio dos conventos. Terços de infantes veteranos, entremeados de piques e arcabuzes, cujo prestígio sòmente tinha crescido desde Gonçalo de Córdova, «El Gran Capitan», até ao duque de Alba e ao Príncipe de Parma, até a glória do provérbio europeu que Vitor Hugo registaria:

Cavalerie turque, infanterie espagnole!

Os peregrinos dêsse *mundo espanhol* velejavam para Palermo e para o México ou o Peru; entravam com o conde-duque de Olivares, com os duques de Lerma e de Ossuna nas salas da governação dos povos; andavam de Burgos a Compostela, admirando a renda de pedra das góticas catedrais; cismavam por entre as ameias medievas e brasonadas da atorreada Avila de los Caballeros; seguiam a esteira dos saltimbancos aos laranjais odorantes da Andaluzia, como a dos contrabandistas aos desfiladeiros dos Pirenéus e as dos salteadores aos desvãos da Serra Morena; acompanhavam as etapas dos

exércitos pelos plainos tristes e azulados do Brabante e da Frísia, naquelas païsagens nórdicas em que o pincel de Velasquez perfilou a cêrca das lanças vitoriosas; e, quando cativos de mouros ou argelinos, ainda criavam na imaginação as aventuras imortais dos Quixotes e dos Sanchos.

O espírito da época era, na verdade, por tôda a parte, um espírito de aventura. Os horizontes mesquinhos não bastavam a conter os homens dêsse tempo. As almas voavam, levando os corpos pelos imprevistos caminhos do mundo. Quando êsses espíritos se recolhiam e meditavam, encontrando sua Manresa, era para se entregarem a vôos maiores, os vôos que levam ao céu.

Nessa época formidável, Portugal, que não podia ser absorvido por essa grandeza, porque tinha a sua, animada duma alma tão grande quanto a de Espanha, fôra, por mal de seus pecados, encorporado ao Império Espanhol. Sua primeira dinastia, a dos Afonsos e dos Sanchos, criara pela espada o Reino à ilharga da Espanha, dera-lhe uma alma própria, marcara-lhe um destino glorioso, defendera à ponta de lança o molde territorial em que forjara uma Raça de Gigantes, destinada a assombrar o Mundo. A segunda, a dos Joões e Manuéis, alçara o vôo para os oceanos, devassara os mares nunca dantes navegados e os continentes nunca dantes conhecidos, dilatara a Fé e o Império, dera à própria Espanha seus melhores navegadores, os Solís e os Magalhães, com ela repartira o globo sob a égide dos Papas e fizera dos meridianos limites de seus domínios.

A última flor, porém, dêsses Reis Assinalados fôra infelizmente ceifada ao desabrochar pelo alfange dos almogávares berberes na ensolada planície de Alcácer-Quibir. Pouco tempo

se arrastaram os passos dum cardial valetudinário pelos tristes corredores da alcáçova real e, mal foi coberto pelo terciópelo da morte, o duque de Alba, condestável vitorioso de flandrinos e catalães, esmagara a resistência do heróico Prior do Crato no sangrento recontro de Alcântara.

De então por diante, o gigantesco Império Espanhol começara a minguar nas mãos imbeles dos sucessores de Carlos V e de Felipe II. Perdera a Germânia, a Áustria e as Flandres. Não disputava mais aos franceses o Rossilhão e o Milanez. Mal dominava a Catalunha impaciente e revel. Todavia, era tão grande, que parecia continuar intacto.

O Sol não conseguira ainda pôr-se nos seus domínios. Tinha as duas faces da Península que Estrabo denominara «Espectadora dos Oceanos»: a do Mediterrâneo e a do Atlântico, a que via a Europa e a que via o Mundo. Tinha as duas Índias: a do Oriente e a do Ocidente. Tinha as Duas Sicílias: a insular e a continental. Tinha as duas Américas: a do Norte e a do Sul. Tinha as duas Guinés: a Espanhola e a Portuguesa. Tinha as duas margens do Estreito, aquém e além-mar, em África: Ceuta e Gibraltar. Tinha os dois metais que reinam sôbre os homens: o ouro do México e do Peru, a prata do Potosi.

Até certo ponto, o domínio espanhol sôbre Portugal foi benéfico para o Brasil. Se permitiu que inglêses, franceses e holandeses atacassem o território, pirateando ou nêle se estabelecendo temporàriamente, com maior ou menor duração, isso deu ocasião de se afirmar na luta um espírito já nìtidamente brasileiro, a vontade firme de continuar com Portugal, com seu Rei, com sua língua, com sua religião, com seu feitio. Demais, do próprio ponto de vista da colonização portuguesa

na América do Sul, o domínio espanhol foi indirectamente benéfico para o próprio Portugal.

Abstraindo certas tiranias e vinganças, acções mesquinhas dum Miguel de Vasconcelos, duma duquesa de Mântua ou dum Primaz de Braga, bem como a dor constante e inconsolável da perda da Independência, a Espanha dos Felipes deixou a Portugal sua constituïção anterior. O Rei de Espanha era também Rei de Portugal, mas Portugal era uma cousa e a Espanha outra, de modo que a administração se fazia em geral por meio de portugueses. Para o Brasil, durante os sessenta anos de domínio espanhol, não veio um governador nascido na Espanha, nem um ouvidor geral; não havia autoridades de sangue castelhano. E, como a Coroa fôsse a mesma, isso serviu de pretexto para se esquecer de certo modo o meridiano de Tordesilhas, continuando os bandeirantes audazmente suas entradas rumo às Vacarias abandonadas do Sul, aos araxás desertos do Oeste, às intricadas rêdes fluviais do norte, acertando o perímetro do Brasil na chamada *largura do sertão* e na sinuosa projecção dos litorais, Com a desculpa de que as terras eram do mesmo Rei, a conquista da América Portuguesa foi, não só se fazendo, como consolidando.

Se não fôra o domínio espanhol, não poderia de-certo ter havido aquela grandiosa expedição de Pedro Teixeira, que se não limitou ùnicamente a varrer os inglêses e holandeses de seus fortins no Amazonas, mas penetrou até Quito e foi a primeira e principal razão de que a nossa fronteira se afirmasse em Tabatinga e de que quási rompêssemos o continente na marcha para o Pacífico.

Tudo isso era a prova provada de que não podia morrer, de que não morria sob o pêso esmagador do imenso Império

Espanhol o outro Império criado, como imperecível padrão de glória, pelo Espírito Português. Formado na dor, no sacrifício e na luta, o Espírito Português foi, em verdade, mais forte do que o Império Espanhol. Dormitava, no Reino, sob as cinzas da segunda dinastia; mas esplendia ao sol tropical na ampla liberdade dos espaços americanos, continuando a sua conquista heróica para Portugal, como se a Espanha Imperial não existisse. Aqui se continuava Portugal. O pai lá estava acorrentado. O filho, livre, continuava cá fora os seus negócios. A vida heróica do Portugal acorrentado à Espanha passou-se para o Brasil. Felizmente, ainda dessa vez não mentiu o Brasil aos seus destinos e soube na conquista do território, que um diplomata sul-americano denominou *geofagia*, na sua defensão e na expulsão dos invasores ser digno de Portugal.

Um dos últimos e, embora não pareça, dos mais importantes desdobramentos da expansão lusitana, em pleno domínio espanhol, nas terras novas do Brasil, foi, sem dúvida, a exploração do Ceará. Portugueses e sòmente portugueses a realizaram sob o reinado de Felipe III de Castela e II de Portugal. Os lusos haviam, vencendo graves dificuldades, fundado estabelecimentos até Natal e avançado, tateando, um pouco além. Conheciam o Maranhão até o rio Punaré, hoje Parnaíba; mas os franceses o tinham ocupado. Além do Maranhão, no Grão Pará, no Grande Rio, os inglêses fincavam fortins e espalhavam guarnições.

A própria recentíssima conquista da Paraíba começara após o domínio espanhol. Datava de 1585. Fôra definitivamente assegurada em Março dêsse ano. Os Governadores Luiz de Brito e Almeida, Lourenço da Veiga e Manuel Teles da Silva,

valendo-se dos serviços do Ouvidor Geral Fernão da Silva e, mais tarde, da esquadra espanhola de Diogo Flôres Valdez, que percorria nosso litoral, batendo-se contra os inglêses, bem como dos esforços de Francisco Castrejon e do próprio Frutuoso Barbosa, donatário da Capitania paraibana, de tanto descuido acusado embora, pouco ou nada haviam conseguido.

A conquista encontrava como óbice principal a relutância petiguar. Aquela indiada, que se tornaria depois a maior amiga dos portugueses, era-lhes, então, terrìvelmente contrária. Açulava-a com mão de gato a francesada que enxameava na região, freqüentando contìnuamente aquelas paragens a carregar o pau-brasil, ali abundante e de excelente qualidade. Poucos são os que avaliam a decisiva influência de que desfrutaram os franceses na Paraíba. A continuar tudo assim, dentro em pouco ficariam na sua posse, como já tinham ficado com a do Maranhão, o que importaria em novo recuo da fronteira portuguesa, de facto aquém do cabo de São Roque. Ficariam, além disso, os franceses como perigosos vizinhos do cobiçado Pernambuco, sôbre o qual mais tarde se abateria o vôo dos corvos holandeses.

Portugal não consentiria nisso.

A política colonial portuguesa sempre foi levada por diante sem desvios de propósito, com rara argúcia e grande penetração do futuro. A Paraíba tinha de ser conquistada de qualquer modo e de qualquer modo o francês expelido. Prestigiado pelo Govêrno, o Ouvidor Geral Martim Leitão, passando de magistrado a bandeirante e general, compôs uma expedição em Pernambuco, onde se achava, com 500 homens brancos, bem armados de mosquetes e arcabuzes, e grande

número de índios reduzidos ou mansos, servindo de auxiliares. Eram estes as rudimentares tropas coloniais da época.

Essa expedição conquistadora partiu para o teatro de suas operações a 26 de fevereiro de 1585. Chama-lhe frei Vicente do Salvador, com entusiasmo, exército, e assim o descreve: «Com êste exército, que foi a mais formosa cousa que Pernambuco viu, nem sei se verá, foi o Ouvidor dormir no campo de Igarassú. Ao quarto dia, que foi o 1.º de março, foi dormir além do rio Taporemas. Cinco dias depois, chegou a expedição à campina da Paraíba.»

Portanto, a efectiva ocupação portuguesa da Paraíba data de 6 de março de 1585. Ali, nas areias de Cabedelo, à foz do rio, plantar-se-ia a fortaleza de Santa Catarina. Dali se avançaria para o Potengi, em cuja embocadura calçada de recifes Manuel de Mascarenhas cravaria os fundamentos do forte dos Reis Magos. A conquista do rio Paraíba trazia, pois, como resultado a do rio Potengi.

Mas a região entre os rios Parnaíba (Punaré) e Potengi era quási inteiramente ignorada. Formava uma verdadeira solução de continuïdade nas possessões costeiras dos portugueses. Raros navegadores haviam por acaso, curiosidade, fôrça do vento e das correntes ou premidos pelas circunstâncias tocado uma vez por outra neste ou naquele ponto avulso da longa, esbranquiçada, baixa, vazia, arenosa e desabrigada costa, onde espumavam os verdes mares açoitados pelos alíseos equatoriais. Conheciam-se, assim, a Juruá-coára, Jereré-coára ou Jericoacoára, Buraco das Tartarugas, o Camocim dos índios ou Pote dos lusos, a enseada do Mucuripe e a foz do Jaguaribe, o rio das Onças.

Diziam todos que a terra era ressequida e estéril, povoada

de feras e canibais. O Atlântico banhava todo o seu litoral a norte e nordeste, entre 2°,45 e 7°,15 de latitude meridional, todo êle baixo e coberto de dunas movediças. Encurvando-se de noroeste a sudeste, o planalto da Serra Grande ou Ibiapaba, a Terra Talhada a Pique, e os dos Cariris, do Pereiro e do Apodi, que se lhe seguem, formavam seus limites naturais pelo interior e como que as ribanceiras dum gôlfo de onde o oceano se retirara nas primeiras idades da Terra.

Nesses platós, bem como nas serras isoladas pelo imenso sertão intermediário, encontram-se nas alturas máximas os vestígios do mar: vegetação do litoral, mangues das praias, crustáceos, restos de peixes.

Do litoral para o interior, o terreno todo se levanta «em forma de rampa». Nessa inclinação muito sensível, os rios se despenham como torrentes caudalosas e rápidas na época das chuvas, espraiando-se em lagamares, lagunas e alagadiços junto à costa, secando logo que pára de chover. Nenhum rio perene. O solo, segundo a descrição de Martius, ora é rico, ora pobre de humo, aqui abrolha em espinheiros, com sua rala vegetação hamadríade, ali se engalana com as folhagens umbrosas da vegetação driádica.

De janeiro a junho, quando chove com abundância, tudo é verde e florido ao som da orquestra dos córregos. De junho em diante, a folhagem começa a secar e a cair, as águas somem-se, sòmente joazeiros, oiticicas e canafístulas pontilham a garrancheira retorcida como oásis de verdura. Em outubro, está tudo nu, chão e árvores. Se as chuvas não vêm em dezembro ou janeiro, então é a chamada *seca braba*, a desgraça, a morte.

Na païsagem poética, quando tudo está verde, as lagoas

tranqüilas e claras povoam-se de aves e palmípedes. A fauna, porém, é minguada. Nada de espectacular e forte. O clima quente, mas sàdio, cria homens magros e resistentes. Em alguns lugares, na campina erma, erguem-se serrotas rochosas e desoladas, cujos cimos fragosos e descalvados apunhalam a pureza azul do céu. A natureza, tôda ela, é, mais ou menos, «uniforme nos seus aspectos e extenuada em seus processos. Os contrastes se realizam por gradações aproximadas; ausência quási absoluta do grande.»

Na estrofe LXXIII do canto VI do seu poema épico e camoniano «Caramurú», Santa Rita Durão assim descrevia a terra cearense no amanhecer da colonização do Brasil:

«O Ceará, depois, Província vasta,
Sem portos, e comércio jaz inculta;
Gentio imenso que em seus campos pasta,
Mais fero que outros o Estrangeiro insulta
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lago do sertão, de que resulta,
Rio, onde pescam nas profundas minas
As brasílicas pérolas mais finas.»

O rio de curso violento, o lago do sertão e as pérolas finas são meras licenças poéticas. Nunca houve tal lago e o maior rio da Província, o Jaguaribe, nem se origina dum lago, nem produz pérolas nas suas profundas minas. Como todos os outros rios da região, *corta* ao terminarem as chuvas, isto é, fica reduzido a poças mais ou menos extensas, semeadas no seu leito arenoso, e seca completamente nas crises climáticas.

No mais, a descrição casa-se bem com a realidade. Vasta

é, sem dúvida, a província com seus cento e muitos mil quilómetros quadrados. Os portos péssimos. Longo tempo inculta, com efeito, foi uma das últimas terras iluminadas pela aurora da colonização. Deus semeou de tropeços e de espinhos o seu caminho, a-fim-de que produzisse uma subraça capaz de desbravar e povoar a Amazónia. E cobriu-a de glória, reservando-lhe as primícias na libertação duma raça infeliz, que regou o Brasil com o suor do seu rosto e ainda deu o seu leite para as crianças e o seu sangue para os campos de batalha.

O gentio, de facto, era mais feroz do que outros e se opôs como pôde à conquista e à catequese. Ainda no século XVIII contra êle se multiplicam as guerras de corso e as guerras de morte autorizadas em cartas-régias, alvarás e provisões mandadas da Metrópole aos mestres de campo das milícias e aos capitães das Ordenanças. Custou à raça aborígene muito caro o insulto feito ao Estrangeiro, no modo de expressão do poeta.

Êsse gentio terrível pertencia a duas grandes nações: os Tupis e os Cariris, que aquêles denominavam de modo geral Tapuias ou inimigos. O têrmo tem idêntica significação ao *bárbaro* dos gregos e ao *hostes* dos latinos. Essas duas raças diversas odiavam-se de morte e falavam línguas absolutamente diferentes. Ambas nómadas, com pouca agricultura, vivendo da caça e da pesca em plena idade da pedra pulida.

Os Cariris ou os Tristonhos, como lhes traduzem o nome alguns autores, maiores e mais selvagens do que os Tupis, armados de grandes machados de pedra, desapareceram completamente no Ceará diante da marcha da civilização. As bandeiras pernambucanas e baïanas, que penetraram no sertão cearense pelo vale do Cariri e pelo do Jaguaribe, fundando as

vilas do Crato, do Icó e outras, encontraram a sua resistência e os aniquilaram com uma fereza terrível. Os seus morubixabas, como, por exemplo, Caturité, suïcidavam-se para não cairem às mãos da gente do Sobrado ou da Tôrre de Garcia de Ávila. Os últimos Cariris, Anassés e Jaguaribaras, foram exterminados em guerras de corso e de morte no século XVIII. Os derradeiros remanescentes vegetaram até o início do século XIX.

Os Tupis resistiram melhor ao contacto com o branco, adaptaram-se mais, aliaram-se ao invasor, caldearam-se com êle, continuaram a viver até hoje no sangue do povo, no seu modo de falar, nos seus usos, nas suas tradições, nas suas nomenclaturas e na sua toponímia.

Os Tupis estadeavam pelo litoral e dominavam sobretudo a Ibiapaba e as regiões circunjacentes até o boqueirão do rio Poti. Os Cariris eram senhores dos altos sertões e só desciam à costa, seguindo o curso dos rios, na época da colheita do caju. Então, Tupis e Cariris se chocavam em guerras horrendas.

As tríbus Tupis que habitavam a região cearense eram do ramo Tupinambá, os guerreiros por excelência. Designavam-se como Tabajaras e Petiguaras, os Senhores das Aldeias e os Comedores de Camarão. Subdividiam-se em Carijós, Porangabas, Chocós, Ipús, Paupinas e Caucaias. Distinguiam-se entre tôdas pela inteligência e bravura os Tabajaras da Ibiapaba, aos quais estavam sujeitas, pagando tributo, até as tríbus isoladas na bacia do rio Acaraú, como os Tacarijús, os Caratiús, os Camamús, os Areriús e os Anassés.

Os Cariris estendiam-se pelos sertões adentro. Ainda hoje, uma grande zona entre os Estados do Ceará, Rio Grande do

Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí conserva o seu nome. Chamavam-lhes também Tramembés. Suas principais tríbus eram os Jucás, os Canindés, os Quixeloz, os Icós, os Cariús, os Capixabas e os Inhamuns. Mais vasto ali que o dos Tupis o seu domínio. Maior a sua ferocidade. Praticavam comummente a antropofagia. Muito pouco se ligaram ao invasor europeu.

A fortaleza dos Reis Magos, assentada no recife da embocadura do Potengi, o Rio Grande do Norte, era o marco mais avançado da conquista portuguesa no norte do Brasil. Comandada por Jerónimo de Albuquerque desde a véspera do Natal de 1598, sòmente ficara de todo pronta no dia de Reis daquele ano. À sombra protectora de seus canhões edificara-se uma vila, que foi instalada com o levantamento solene de seu pelourinho no dia 25 de Dezembro de 1599 e recebeu o nome da data de sua fundação: Natal.

A capitania do Maranhão, que compreendia nas suas 175 léguas de costa o extremo norte e parte do actual Ceará, fôra perdida. O historiador João de Barros, seu donatário, associara-se com Aires da Cunha e Álvaro de Andrade para explorá-la. A expedição que enviaram para êsse efeito malogrou-se totalmente. Outra expedição, a de D. Luiz de Melo, também se perdeu. Aproveitando o abandono resultante dêsses dois sucessivos malogros, os piratas de Dieppe apoderaram-se da ilha de Maranhão, a que deram o nome de São Luiz, em honra do Rei de França, e dela fizeram base para o tráfico do pau-brasil e a conquista dos territórios adjacentes, aliando-se hàbilmente às tríbus indígenas.

Além do forte dos Reis Magos, os portugueses tinham avançado até o rio Mossoró, entabulando relações com os índios

do Ceará-Mirim. Eram levados ali pelos negócios de sal. As salinas naturais daquele lugar, ainda agora famosas, atraíam tanto os aborígenes como os forasteiros. E uns se viam obrigados a tratar com os outros, nascendo dessa necessidade um intercâmbio comercial.

O rio Mossoró podia, pois, ser considerado como o limite de facto do Govêrno Geral do Brasil ao norte, no alvorecer do século XVIII. Ir além seria recuar a baliza, rompendo nova marcha conquistadora em direcção aos estabelecimentos dos franceses. A exploração e conquista do Ceará determinaria a integração do litoral do setentrião brasileiro, pelo menos em grande parte, no domínio da Coroa portuguesa, enquanto o interior lhe seria dado pela formidável expedição de Pedro Teixeira, prenhe de auspiciosas conseqüências. A avançada pela costa completaria a obra da entrada gloriosa pelas florestas virgens, descendo os rios misteriosos da vastidão amazónica.

Então, os inimigos da Espanha Imperial, inimigos políticos e inimigos religiosos, — inglêses e franceses, como, depois, os holandeses, procuravam retalhar no norte, no meio e no sul a linha de costas do Brasil, caído com Portugal sob o domínio espanhol. Os inglêses na Amazónia. Os franceses no Maranhão, na Paraíba, em Sergipe e no Rio de Janeiro. Os holandeses, do Espírito Santo ao Maranhão. Farejando o perigo, os Governadores Reais, ao virem para a capital baïana, remanchavam em Olinda, mau grado as advertências da Côrte, inquirindo e providenciando.

No ano de 1603, um destemido bandeirante resolveu devassar os mistérios do ignoto trato de terra cearense que poderia figurar nos mapas antigos com o dístico clássico: *Hic Sunt Leones*.

Chamava-se Pero Coelho de Sousa e era açoreano, um dêsses homens sequiosos de aventuras, em quem ao ideal da dilatação da Fé e do Império se ajuntava a fome do ouro, e que a mão poderosa do Destino atirava à face dos países americanos. A ocasião é mais do que azada para repelir mais uma vez a serôdia acusação de que o Brasil foi sòmente povoado por degredados e calcêtas. Os que a apregoam parecem ter gáudio de se enaltecerem com o lustre de tais avós ou julgam estar fazendo nos tempos que correm outra vez a independência da pátria, se é que não obedecem, consciente ou inconscientemente, a desígnios ocultos dos que pretendem mascarar com uma indigna quão inexplicável lusofobia o passo de veludo de imperialismos perigosos e solertes. É um meio talvez de desviar a atenção dos desavisados e dos que ignoram a verdadeira chave dos problemas da história, cuja terceira dimensão, a das fôrças ocultas, absolutamente lhes escapa.

Para o Brasil, para o nordeste sobretudo, vieram nomes das mais antigas e melhores casas de Portugal. Formou-se ali uma aristocracia que resistiu à cobiça desenfreada dos mascates e defendeu a terra do herege invasor. Conquistadores e povoadores do Brasil antigo têm suas árvores genealógicas nas velhas cartas de brasão de armas e nas nobiliarquias históricas dos Taques e Jaboatões.

São fidalgos os descobridores, fidalgos os primeiros povoadores, fidalgos os donatários das sesmarias, fidalgos os que invertem os primeiros cabedais nas plantações e nos engenhos, construindo as Casas Grandes e morrendo, em geral, arruïnados. Acompanham-nos quási sempre honestos e laboriosos colonos madeirenses e açoreanos, com suas famílias. Não foram degredados os devassadores dos sertões, os heróicos bandei-

rantes de Piratininga, de Taubaté, do Sobrado e da Tôrre de Garcia de Ávila. Os condenados a degrêdo fundiram-se na arraia-miúda, sem um lampejo de valor que passasse a história. E os cristãos-novos sòmente chegaram depois das epopeias bandeirantes e da instalação dos engenhos e fazendas, para se locupletarem pela insídia e a mercância inescrupulosa com o ouro e o açúcar produzidos pelo valor e pelo trabalho do bom sangue português. O ouro tomaram-no os Emboabas adventícios aos paulistas destemerosos; o açúcar, os Mascates traiçoeiros e açambarcadores à gente nobre de Olinda.

A Paraíba fôra colonizada por boa gente irradiada de Itamaracá e Pernambuco ou vinda directamente do Reino. Pero Coelho de Sousa era casado com D. Maria Tomásia Barbosa, irmã de Frutuoso Barbosa, donatário da Capitania paraibana, da qual, aliás, não fizera grande caso. Capitão duma galera de El-Rei, depois que deixara o serviço viera ali estabelecer-se como um dos iniciadores da colonização, despendendo os parcos cabedais, ajuntados à custa de canseiras e privações, sem que tivesse tido o menor lucro. Era o que acontecia comummente aos que prefaciavam o Brasil. Devido ao seu parentesco com Frutuoso Barbosa e aos trabalhos que empreendera, gozava naquela Capitania de certa importância e chegara mesmo à vereança ali pelo ano de 1590.

Sentia a necessidade de resarcir os prejuízos havidos e, ao mesmo tempo, a de praticar feitos que lhe dessem lustre ao nome. De Sergipe de El-Rei até ao Rio Grande do Norte desenvolviam-se, uns mais, outros menos, os estabelecimentos portugueses. ¿Por que não poderia à sua custa e de alguns sócios fundar também uma capitania? ¿Mas como e onde?

Ali estava, bem próximo, o hiato entre a vila de Natal e

o Maranhão francês, as antigas 40 léguas de costa da Capitania doada por D. João III a António Cardoso de Barros e que êste deixara ao Deus dará. Firmou a atenção nesse território ignoto e decidiu-se a conquistá-lo.

Na opinião geral, que só tinha a informá-la as aparências da costa, era todo êle sáfaro, agreste e inútil, refúgio até das tríbus alhures destroçadas pelo colonizador, as quais achavam sua segurança na selvatiqueza daquele quási deserto. Joaquim Catunda afirma que até restos da confederação dos Tamoios, batidos em Cabo Frio ao tempo do Governador António Salema, em 1570, foram ter ao Ceará. A luta dos portugueses contra os franceses, aliados aos Tamoios, em Cabo Frio, começara em 1568, quando Salvador Correia de Sá se apoderou dum navio francês.

Pero Coelho de Sousa requereu e obteve da Coroa a patente de capitão-mor e as demais concessões necessárias para desbravar e colonizar a chamada Província do Jaguaribe e Ceará, como indemnização de haver El-Rei tirado a Frutuoso Barbosa, seu cunhado, a Capitania da Paraíba, que lhe doara. Ajudou-o a obter essas licenças e privilégios o Governador Geral do Brasil, Diogo Botelho, nomeado suecessor de D. Francisco de Sousa a 20 de Fevereiro de 1601, o qual, de passagem por Pernambuco, com êle se entendera pessoalmente.

A aventura não foi decidida no ar, como possa parecer. Depois de obtida a autorização da Coroa, deu-se o Regimento da expedição a Pero Coelho de Sousa no dia 21 de Janeiro de 1603. Cinco dias mais tarde, a 26, o Governador reüniu em conselho os seus prudentes: Manuel de Mascarenhas, Feliciano Coelho de Carvalho, o desembargador Gaspar de Figueiredo Homem, Diogo de Campos Moreno e o capitão

João Barbosa de Almeida. Explicou-lhes as razões da jornada. Mostrou-lhes as suas vantagens. Discutiram o assunto. Manuel de Mascarenhas declarou-se inteiramente contra e não houve meios de convencê-lo do contrário. Os outros aprovaram tudo, segundo o parecer do Governador.

Lavrou-se, depois, um auto da reünião, o qual elucida quem era Pero Coelho de Sousa: nobre e soldado veterano de jornadas e lutas em reinos estrangeiros.

Os preparativos da expedição duraram até meados de 1603. A partida foi em Julho. Ignora-se a data precisa. O sol estava ardente e a bandeira encetou confiante aquela marcha que a levaria, não à fortuna, como esperava, mas a cruel martírio, a uma epopeia trágica e ignorada, abafada pelo silêncio dos séculos na própria história do Brasil.

Pero Coelho de Sousa levava consigo o que fôra possível arranjar em tão priscas eras num núcleo colonial exíguo e paupérrimo, como a então Capitania da Paraíba, com sua limitada pecúnia e reduzidos recursos de tôda a sorte. Acompanhavam-no 65 soldados portugueses, veteranos das árduas conquistas dos sertões, sob o comando de seus cabos: Manuel de Miranda, Simão Nunes Correia, João Cide, João Vaz Tataperica e Martim Soares Moreno. Como línguas, ou turgimãos, o português Pedro Fernandes Congatam e um francês, cujo nome não figura nos documentos que vieram até nós, mas que os índios alcunhavam com grande propriedade Tuim-mirim, o Periquito.

Pedro Fernandes Congatam escapou com vida e saúde a tôdas as atribulações e perigos da expedição. Ainda vivia, em 1618, na Tôrre de Garcia de Ávila, na Baía, sendo lembrado por El-Rei a D. Luiz de Sousa para servir com António

Afonso, célebre chefe das bandeiras do Sobrado, em Pernambuco, na conquista do Maranhão e do Pará, como homem mui sabedor das usanças e falas dos índios, prático das cousas e rumos do sertão.

Martim Soares Moreno, um dos cabos, rapaz de dezóito anos, era sobrinho de Diogo de Campos Moreno, o da Jornada do Maranhão, e, vindo do Reino com doze anos, se criara entre os índios. Pusera-o o próprio tio nessa rude companhia como numa verdadeira escola de bandeirantes. Estava destinado a ser o verdadeiro fundador do Ceará, para onde seguia em plena adolescência, e a ser imortalizado na literatura brasileira como o Guerreiro Branco amado até a morte pela Iracema de José de Alencar.

Áspera e pobre, a terra como que profundamente impressionou a Martim Soares Moreno. Escapo aos perigos da malograda expedição de que participara sob as ordens de Pero Coelho de Sousa, ei-lo que retorna ao Ceará em 1609, com a incumbência que lhe dera o Governador D. Diogo de Meneses de estabelecer uma feitoria definitiva na região do Jaguaribe.

Depois do feito de Pero Coelho de Sousa, parece que o Govêrno compreendera a urgente necessidade de ocupar e devassar aquela terra que unia às do norte as possessões ao sul do cabo de São Roque. A preocupação oficial pela conquista do Ceará manifestou-se logo após o regresso dos míseros restos da expedição de Pero Coelho de Sousa. Em 1607, o catequizador, obedecendo à sugestão governamental, vinha no rastro do bandeirante que conquistara a Ibiapaba. A conquista espiritual seguia-se naturalmente à conquista das armas.

Num barco que carregava sal da actual região de Mos-

soró sairam de Pernambuco a 20 de Janeiro de 1607 e vieram até ali dois jesuitas, os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, ambos de grandes virtudes e incansável zêlo apostólico. De Mossoró, acompanhados de alguns portugueses e muitos índios já cristianizados, refizeram pela costa o caminho de Pero Coelho de Sousa até o Mucuripe e o Ceará, onde demoraram.

Havia ali um chefe indígena de grande prestígio, Amanai, o famoso Algodão das crónicas. Fizeram pazes com êle, prègaram a religião, converteram inúmeros selvagens e conseguiram fundar quatro aldeias ou reduções, as mais antigas localidades do Ceará: Caucaia, depois vila de Soure, hoje subúrbio da capital; Paupina, depois vila de Mecejana, hoje também subúrbio; Porangaba, depois vila de Arronches, reduzida do mesmo modo a subúrbio, e Piraguari ou Santo António do Pitaguari, que não foi por diante.

Nessas aldeias foram reünidos os índios Caucaias, Paupinas e Porangabas, restos das tríbus Petiguaras que Pero Coelho de Sousa arrastara consigo a conquista da Ibiapaba e fôra deixando pelo caminho da volta após o seu desastre.

Findos êsses duros trabalhos, os padres continuaram a marcha pelas praias até o lugar denominado Pará-mirim ou Parnamirim, como se diz agora, de onde inflectiram pelo sertão adusto rumo à Serra Grande. Alcançaram-lhe o sopé de-certo na região onde hoje fica a cidade do Ipú, que é a parte em que se apresenta mais fácil subida depois da utilizada por Pero Coelho de Sousa nos arredores de Granja.

Os padres galgaram a serra e meteram-se no meio dos Tabajaras, que os apelidaram Abaúnas, os homens pretos.

Sua tarefa era dificílima. Achavam-se na maior taba da região, espécie de capital daquelas tríbus que se tinham oposto pelas armas à investida de Pero Coelho de Sousa e firmado a paz vencidos pela espada, a Ararena de Claudio de Abbeville, a Grande Taba.

A indiada, que ainda sentia o amargor da derrota, cercou-os de grande desconfiança. ¿Que queriam êsses homens pretos de palavra tão mansa, falando dum Deus que êles não conheciam nem os impressionava a índole batalhadora, depois dos terríveis mosqueteiros que haviam tomado as suas boas trincheiras, matando-os e escravizando-os?

Alguns franceses escapos aos combates com Pero Coelho de Sousa não tinham regressado ao Maranhão com seu chefe, Adolfo Montbille, e viviam no meio dos índios. Êsses os incitavam de mansinho contra os jesuítas portugueses. No entanto, os dois padres conseguiram com grandes esforços erigir um nicho ou capela. No dia 11 de Janeiro de 1608, de súbito, foram ali atacados por um bando feroz de índios que frecharam o padre Pinto e o acabaram de matar a golpes de tacape. Dizem que eram os ferozes Tacarijús, tributários dos Tabajaras. O padre Figueira salvou-se milagrosamente. Conseguiu fugir ajudado por alguns caboclos amigos, varar os sertões inhóspitos e alcançar as aldeias do Ceará, onde Amanai o acolheu com carinho e, mais tarde, veio buscá-lo um navio enviado por Diogo de Campos Moreno, que já fôra informado de tudo o que sucedera na Ibiapaba.

Os índios mansos trouxeram o corpo do padre Pinto para a aldeia da Paupina (Mecejana), onde o sepultaram piedosamente. Na vida e na morte cercou-o a veneração dos Petiguaras. Chamavam-lhe Pai-Pina e imploravam a sua inter-

cessão para fazer chover, quando a seca, prolongando-se, ameaçava torrar-lhes as roças.

O padre Figueira, que escreveu uma gramática da língua tupi, teve vinte e nove anos mais tarde o mesmo destino que o seu companheiro: foi, no naufrágio de Pedro de Albuquerque, morto pelos Aroans da Amazónia.

Malograda essa heróica entrada dos jesuítas, o Govêrno não se deu por vencido. Dividiu, embora sòmente no papel, o território em duas feitorias: Jaguaribe e Camocim. Para a primeira, foi mandado Martim Soares Moreno; para a segunda, Jerónimo de Albuquerque.

No ano de 1609, Martim Soares Moreno comandava a fortaleza dos Reis Magos. Era muito querido pelos Petiguaras, com cuja língua e com cujos hábitos se identificara. Amigo do peito dos principais dêsses índios, para os quais sua palavra valia ouro. Para fundar a Capitania do Ceará, levou consigo dois soldados e a tríbu petiguar chefiada pelo famoso Jacaúna, irmão de D. António Felipe Camarão. Sabia que encontraria outros petiguaras mansos nas aldeias de Porangaba, Paupina, Caucaia e Pitaguari. Levantou um fortim em Itarema e artilhou-o com as peças dum navio francês que tomou de surprêsa na enseada do Mucuripe, apresentando-se a bordo disfarçado de índio.

Em 1613, quando Jerónimo de Albuquerque resolveu tentar a conquista do Maranhão, arrebanhou Martim Soares Moreno. Desgarrado pelos temporais, o navio dêste foi ter ao Mar das Antilhas, onde, após terrível combate em que se defendeu como um leão e caíu crivado de feridas, foi aprisionado. Levado à França, dificilmente pôde escapar ao ódio que o cercava pelo mal que fizera aos francêses onde quer que os

tivesse topado. Protegido pela diplomacia espanhola, conseguiu ir para Madrid. Esteve em Portugal e regressou ao Brasil em 1617.

Em 1624, era nomeado capitão-mor do Jaguaribe por dez anos. Começava de verdade o povoamento e civilização do Ceará. Martim Soares Moreno não completou êsses dez anos de govêrno. Partiu em 1631 para auxiliar Matias de Albuquerque na guerra contra os holandeses e nunca mais voltou à terra cearense. Partiu porque quis. Dessa vez ninguém o chamou. Acorreu voluntàriamente ao apêlo guerreiro e foi um dos primeiros que se apresentaram com seus índios, prontos para combater. Atraía-o o perigo. Marchava logo para onde fôsse preciso defender seu Rei, sua Grei e seu Deus.

Voltemos a Pero Coelho de Sousa, que deixámos iniciando sua marcha para o Ceará. Além dos soldados portugueses, êle levava mais duzentos auxiliares indígenas, todos excelentes frecheiros, sob a direcção de seus chefes naturais. Os Potiguaras ou Petiguaras, Comedores de Camarão, obedeciam a Guaratinguira; os Tabajaras, Senhores das Aldeias, a Batatan, Caraguatim e Mandioca-puba. Como aliados, não valiam grande cousa. Ingratos, perigosos, traiçoeiros, fementidos e desconfiados, deixavam-se sempre tentar pelas promessas de matança e saque. Ladrões como ratos.

A verdadeira fôrça da expedição eram os 65 mosqueteiros lusos. Muita gente ignora a superioridade que Portugal conseguira no fogo do século XVI ao século XVII. D. João III já encomendava arcabuzes de rodete, do último modêlo, invenção dum relojoeiro de Nurembérgia, aos melhores armeiros da Boémia. Obrigava cada homem que dispusesse de certo rendimento a possuir um arcabuz e a praticar o tiro, como outrora,

em idênticas condições, os lavradores inglêses haviam sido forçados ao exercício com o arco, o que lhes dera a superioridade em muitas batalhas travadas contra a pesada cavalaria feudal do Rei de França.

Quinhentos mosqueteiros de D. Cristóvão da Gama, vindos em socorro dum Negus, considerado Preste João, derrotaram as velozes cavalarias dos emires muçulmanos e dominaram a Abissínia. Os holandeses empenharam a conquista do Brasil ainda com armas de mecha, quando desde D. João III o rodete era usado pelos soldados de Portugal. Em muitos combates e episódios da guerra holandesa, a chuva, molhando mechas e escorvas, impediu o fogo dos mercenários da Companhia judaica-flamenga, que foram destroçados a arma branca e a pau.

Essa superioridade do armamento se evidenciou na luta que Pero Coelho de Sousa teria de travar com os franceses, cujos mosqueteiros foram redondamente batidos nas faldas da Ibiapaba. Ela era tal que se mandava Martim Soares Moreno ao Ceará com uma tríbu e dois mosqueteiros, que lhe enviavam mais tarde, como notável refôrço, dez soldados e um padre, e que Jerónimo de Albuquerque, uma feita, enviou dois homens armados para policiar o território entre o pôrto de Juruá-coára e a Serra Grande, infestado, então, de índios de corso.

Como aos olhos dos Fernão Dias Pais Leme rebrilhava a atraente ilusão da imensa Vupabussú, faülhante de esmeraldas, os bandeirantes que partiam com Pero Coelho de Sousa da Paraíba imaginavam encontrar nas encostas da Ibiapaba, a dar crédito aos informes dos selvícolas, grande fartura de ouro. Aquela serrania que se alteia em paredões e tombadores, em-

bandeirados com os véus brancos das bicas e cascatas, do lado do Ceará, descendo suavemente em planalto para o lado do Piauí, escavada no seu sopé em grutas profundas, labirínticas e misteriosas como a de Ubajara, possuía minas do precioso metal que era a máxima preocupação dos homens do Renascimento.

Essas notícias, trazidas à Paraíba, aquém do hiato que o Ceará incógnito abria nos domínios de Portugal, também haviam chegado além, ao Maranhão, e em 1603 os franceses já se achavam estabelecidos na Serra Grande, mais ou menos na região compreendida entre a actual Vila de Viçosa e o mar. Êles buscavam por tôda a parte notícias exactas duma serra misteriosa que a indiada denominava Maracassumé, onde o ouro abundava. Procuravam assimilar-se de tal modo à vida do aborígene, para granjear-lhe a simpatia, que se não pejavam de tomar até parte em seus odiosos festins canibalescos, como referem os seus próprios historiadores.

Enquanto não achavam as riquezas minerais que procuravam, iam carregando o pau-brasil às margens dos rios Acaraú, Camocim e Timonha, de parçaria com o gentio. Comandava-os um diepês, cujo nome aparece nos documentos da época sob varias formas: Bombille, Mambille e Mombille; mas que, certamente, se devia chamar Montbille. Seu prenome era Adolfo. Aliás, nesse tempo, em França a ortografia dos nomes de família variava ao sabor de cada um ou conforme sua ignorância, acontecendo, às vêzes, dois irmãos grafarem diversamente o mesmo apelido familiar.

¿Por que os franceses se tinham apressado em chegar à Serra Grande e conquistar as boas graças dos Tupinambás que a habitavam? ¿Sòmente à cata de metais preciosos? Parece que

não. Êles pretendiam também, sem dúvida, barrar ali a expansão lusitana para o norte. Sob a sua égide, os índios da Serra, entre cujos morubixabas algum havia de prestígio na verdade fantástico, como Jurupari-assú, o Diabo Grande (1), se tinham organizado em confederação, à maneira dos Tamoios no Sul. Há quem diga que havia restos dos Tamoios na Ibiapaba. O grande morubixaba Irapuan, o Mel Redondo, por exemplo, não era filho do Ceará e para ali viera de outras terras à frente de seus frecheiros.

¿Por que Pero Coelho de Sousa forçava as etapas, a-fim-de alcançar a Serra? É que corriam vozes de grandes riquezas minerais jacentes no interior da Capitania do Maranhão. Desconhecendo-se a verdadeira largura do continente, afirmava-se que aquela Capitania ia entestar com o Império dos Incas, dilatando-se até o antiqüíssimo reino do El Dorado, sonho que deslumbrava a mente dos aventureiros da época.

Antes de partir da Paraíba, Pero Coelho de Sousa despachara três barcos carregados de víveres e munições, que encontrou à sua espera na embocadura do rio Jaguaribe. Naquela região, os carnaubais sem fim mergulham, acompanhando o curso do rio sertão adentro. Do lado de leste, alteia-se, como uma verdadeira muralha, a chapada do Apodi, em quási tudo semelhante à da Ibiapaba. Do lado de oeste se estendem os

---

(1) Em geral os portugueses traduziam Jurupari por diabo. Era uma divindade misteriosa, que não podia ser conhecida senão por um rito iniciático. Era defeso sob pena de morte às mulheres aproximarem-se ou verem o seu ídolo e os instrumentos do culto.

tabuleiros agrestes e arenosos do litoral cearense. Ao norte, o mar muito verde esbraveja numa praia coberta de alvíssimas dunas. Ali encontraram algumas tríbus Tupis, acampadas sob os frondosos cajueirais. Os portugueses fizeram pazes com elas e convidaram-nas a acompanhá-los à Ibiapaba. Os selvícolas aceitaram o convite.

Após longas, exhaustivas marchas sob um sol de fogo, assentaram um acampamento de repouso na barra de pequeno rio, entre morros de areia e cajueiros, local que se chamava Itarema e, depois, passou a ser Siará ou Seará. Algum tempo teve também o nome bem português de Matias Pacheco.

De onde veio o nome Ceará?

Nenhuma etimologia mais controvertida. Há de tudo. Para todos os gostos e feitios. Desde a poética, que José de Alencar tirou de Aires do Casal: de *cemo,* cantar com fôrça, clamar, e *ará,* pequena arara: *O Canto da Jandaia;* até às mais fantasiosas, como a de Seará proveniente de Sahará ou Saharah, o Sahara, pela semelhança do areal das costas com o do grande deserto africano; não faltando mesmo as baseadas num êrro, como a de *Sizra,* leitura por engano do dístico semi-ruído pelo tempo e as sevandijas de antiga carta holandesa.

O cónego Ulisses Penaforte complica ainda mais essa etimologia. O rio a cuja margem se estabeleceu Pero Coelho de Sousa, actual rio Ceará, nasce no antigo sertão dos Guabirús, ou dos Ratos, dos riachos descidos de muitas serras. Isto fornece ao cónego a seguinte explicação: *ceia,* de *cetá,* muito, muitas, e *ará,* reünião de serras. É simplesmente notável!

A ideia da jandaia volta sob outro aspecto em Teodoro Sampaio, um dos maiores tupinólogos brasileiros: *cii,* espécie de papagaio; *ará,* redundância confirmando a idéia. Os que

fogem etimològicamente dos papagaios caem em outra ave verde, de bico redondo, o *sijá*. Milliet de Saint Adolphe e Monsenhor Pizarro querem que Ceará venha de *suia,* caça, e *ara,* tempo, estação. Ora, a palavra tupi não é pròpriamente *suia* e sim *çoo,* que lembra o grego *zoo* e também designa os animais de um modo geral.

João Brígido parece-nos, no assunto, mais prático e consentâneo quando diz que os Petiguaras transmigrados do Ceará-mirim ou Ceará-pequeno deram ao novo estabelecimento em terreno muito semelhante àquele o nome de Ceará-assú ou Ceará-grande. Na sua opinião, êsse nome vinha de *ciri,* espécie de carangueijo muito comum em tôdas aquelas praias, e *ara,* alvacento, esbranquiçado. Afinal de contas, o crustáceo hoje conhecido com o nome de *graussá* ou *grauçá,* abundantíssimo em todo o litoral nordestino. Para a sua dedução, João Brígido baseava-se em Montoya.

Sua base não oferece, porém, grande segurança, porque o jesuíta Montoya, mestre incontestável do guarani, não tem a mesma autoridade em tupi, visto como os dois idiomas, embora ramos dum tronco comum, têm entre si diferenças essenciais.

Registemos, antes de passarmos adiante, uma última interpretação do nome Ceará: de *Ciriá-poá* se fêz *ciriá* sòmente e, afinal, *ciará,* por metátese.

O descanso da bandeira em Itarema deve ter levado meses, porque, na sua marcha para a Ibiapaba, Pero Coelho de Sousa sòmente chegou ao pôrto de Camocim, foz do rio do mesmo nome, de onde se avista a cordilheira, no dia 18 de Janeiro de 1604. É possível que só tivesse podido deixar o acampamento do Ceará e reencetar a caminhada em Novembro

de 1603, porque nesse mês os índios acabavam de colhêr o caju e não o acompanhariam antes dessa colheita.

Para as tríbus daquela região, o caju representava grande papel. Comiam a sua polpa, de alto valor alimentício. Extraíam-lhe o sumo, que fermentavam de duas maneiras: em cabaças, ao ar livre, para o mocororó ou cerveja; em potes, à sombra, para o cauim ou vinho. Assavam as castanhas e conservavam as amêndoas como alimento de poupança. Pilavam-nas e misturavam-nas à farinha de mandioca, juntando às vêzes a essa mistura um pouco de mel silvestre, o que denominavam *tumbança*, e levavam nas suas longas excursões, como os bandeirantes sulinos conduziam a célebre *passóca*.

Depois de bater os arredores, Pero Coelho de Sousa aproximou-se da Serra, naturalmente pela depressão das quebradas que vêm morrer nas várzeas das cercanias da actual cidade de Granja. É até nossos dias a subida natural. Entardecia, quando seus esculcas atingiram as faldas da montanha. Foram recebidos a frechadas. No meio dos silvos das setas, o estrondo de tiros de mosquete. Os franceses já estavam ali! Tinham chegado antes dêle! Agora, não havia outro remédio senão expulsá-los.

A-pesar-da noite que caía e do calor tórrido do pé da Serra, os lusos repeliram o ataque desencadeado pelos contrários e acamparam, rodeados de trincheiras ràpidamente feitas. Não faltava gente para erguê-las. As poucas dezenas de mosqueteiros portugueses já arrastavam para a Serra Grande cêrca de cinco mil selvícolas. Na escuridão nocturna, era perigoso lançar-se com tôda essa gente pelos desfiladeiros desconhecidos. Além disso, desabou um aguaceiro. Mataram e comeram o último cavalo dos que haviam trazido da Paraíba e que herói-

camente resistira à dura travessia, porque já não tinham víveres. E esperaram o amanhecer.

Na manhã do dia seguinte, quando o sol já ia alto, os ecos das quebradas da serra repetiram os sons metálicos duma trombeta bastarda, o que era grande novidade naqueles ermos. Os franceses pediam um entendimento. Pero Coelho de Sousa mandou o Periquito à fala com os inimigos, que o intimaram à rendição. Sabiam que estava sem ter que comer. Era melhor entregar-se em boas condições do que ser mais tarde vencido e comido pela indiada. O capitão-mor repeliu enèrgicamente a proposta.

Ao meio-dia, foi violentamente atacado por milhares e milhares de índios da Serra, guiados pelos aventureiros diepeses. Resistiu com a maior bravura. O combate durou até a bôca da noite, quando o inimigo se retirou e recolheu a uma cêrca levantada à meia encosta da montanha. Dos sessenta e cinco mosqueteiros portugueses, única fôrça real de que dispunha a expedição, dezassete estavam mortos e alguns feridos. O prejuizo era irreparável!

Não se abateu, porém, diante do perigo e do transtôrno, o ânimo varonil de Pero Coelho de Sousa. Tudo podia faltar-lhe que sempre lhe sobraria coragem. Ao amanhecer o outro dia, quando os franceses o julgavam debilitado e desanimado, deixou o acampamento silenciosamente, acompanhado pelos seus mosqueteiros. Dividiu-os em dois grupos. Mandou que a indiada os seguisse. Tomou o comando de um e deu o do outro a Manuel de Miranda. Marchando por dois caminhos diferentes, os dois destacamentos foram-se encontrar num respaldo da subida da Serra, diante dum entrincheiramento inimigo. Por trás das estacadas, fervilhavam os guerreiros pardos

e emplumados de Irapuan. Entre êles, os arcabuzeiros e escopeteiros de Montbille.

A gente de Pero Coelho de Sousa, lusos e índios, vinha amouca de raiva e fome. Avançou destemida, de arma branca, contra as palissadas, por dois lados, desafiando setas e pelouros. Os Tabajaras marchavam à frente; os Petiguaras, à retaguarda; e os mosqueteiros portugueses os enquadravam pelos flancos. Nada os pôde deter. Escalaram as cêrcas, transpuseram-nas e picaram a terçado e a machado de pedra franceses e selvagens.

Havia grande depósito de munições de bôca no reduto conquistado. Os conquistadores da Ibiapaba fartaram a sua fome velha e descansaram vinte dias. O inimigo rondava cauteloso pelos arredores. Quási se não mostrava. Adivinhavam-no. Os batedores indígenas informavam à bandeira que êle tinha outras cêrcas defendendo o acesso da serrania.

Mal acabou a carne de caça mosqueada e a farinha de mandioca do armazém dos franceses, os bandeirantes tornaram a trepar pelos alcantis e a vencer as rampas, em busca dos adversários, que a derrota tornara prudentes. Encontraram nova cêrca, mais bem feita e mais bem defendida do que a anterior. Era o castro do famigerado chefe tupi da Ibiapaba, cujo nome fazia tremer: Jurupari-assú, o Diabo Grande.

Joaquim Catunda assim o descreve: «Era êsse célebre morubixaba de estatura mediana, cabeça chata, olhos grandes, rasgados, um tanto oblíquos, nariz e lábios grossos, e de côr escuro azeitão. Pintava-se de tauá e trazia pendente ao pescoço um colar de dentes de inimigos que matara. Era a personificação dos vícios e qualidades da raça: bravura ruïdosa e teatral, retórica fútil e obscena, dissimulação, perfidia, incapacidade do bem, inteligência pronta do mal, instintos rapaces. Ente-

nebrecia-lhe a fronte melancolia feroz, como se voz interior lhe segredasse o martirológio de sua posteridade através da história, em cuja esfera ia aparecer transfigurada, porém, pela infusão de sangue mais nobre. Todos os predicados dos Tabajaras se haviam enfeixado em Jurupari-assú e se manifestavam com energia selvagem. Naquele grande foco se concentrava a consciência difusa da tríbu; o pensamento comum do caboclo o traduzia com todos os caracteres da sua fisionomia sinistra; daí a sua fôrça. Era um génio na espécie.»

A fome aguçava de novo a coragem dos conquistadores. Alentava-os ainda a fôrça moral da primeira e inesperada vitória, que desanimava os inimigos. Após meia hora de combate, a fortificação estava nas mãos dos portugueses. Os poucos defensores escapos à luta cruel fugiram para as cumiadas da cordilheira, com o seu chefe, acoutando-se no grande arraial fortificado do morubixaba Irapuan, cujos guerreiros, batidos no primeiro recontro, ansiavam pela desforra.

Lá se achava o grosso dos franceses, que ainda não entrara em cena, chefiado pessoalmente por Adolfo Montbille. Os índios enviados como esclarecedores diziam que o arraial era um verdadeiro ninho de águia, alcandorado duma penha, todo circulado por dupla cêrca de pontiagudas estacas de pau-ferro e sabiá.

Certa manhã, os bandeirantes o avistaram. Não mentiam os informes da indiada. Desanimaram. Aquela Serra era um nunca acabar de fortificações. Mal se tomava uma, como que outras surgiam da própria terra. E não se encontrava o menor vestígio de ouro por mais que se batessem as águas dos riachos que sussurravam na espessura dos arvoredos.

A-pesar-de perdida a esperança de se acharem ali riquezas

à flor da terra; a-pesar-da manifesta má vontade dos companheiros e dos índios auxiliares, ainda desta vez Pero Coelho de Sousa não perdeu a coragem. Assentou-se longamente numa pedra, com o cenho carregado, as mãos sumidas na grenha hirsuta, pensando como resolver aquele problema. Todos esperavam que desse um plano salvador. E o plano veio.

Amanheceu. O sol radioso apunhalava o granito das escarpas e clareava as altas comas do arvoredo que fugiam ao lençol das névoas matutinas. Entre as duas ordens de palissadas do reduto de Irapuan passeavam sentinelas índias. Paravam, por vêzes, encostadas aos grandes arcos de ipê, punham a mão sôbre o rosto pintado e fitavam os matagais que se acocoravam ou escorriam pelo dorso da montanha. De repente, tôdas soltaram, ao mesmo tempo, um grito gutural que traduzia profundo espanto, retesaram os arcos e ficaram imóveis, corpo, gesto, olhar.

No extremo do pequeno planalto que se adiantava à cêrca surgiam grandes e pesadas tartarugas, preguiçosamente rojando pelo chão. Por baixo de seus cascos luziam metais. Logo, as trincheiras se cobriram de guerreiros empenachados de cocares e de quadrilheiros diepeses, de couraça e morrião. E despejaram sôbre os estranhos quelónios uma chuva de setas e de balas.

Pero Coelho de Sousa imaginara aquela espécie de *Tortuga* romana, a-fim-de poder aproximar-se da estacada sem perder gente e deitar-lhe fogo. Durante a noite, construira ràpidamente com rijos madeiros os fortes cascos, sôbre os quais ressaltavam igualmente os projécteis dos índios e dos brancos. As tartarugas de pau iam caminhando e, cravadas nas juntas das tábuas, as flechas, festivamente emplumadas de tôdas as côres, tremiam no ar aos bruscos solavancos da marcha.

O episódio merecia ser descrito por um Políbio e figurar entre as artimanhas e traças de guerra capituladas no livro clássico de Polieno. Não o desprezariam, de-certo, Demétrio e Poliocertes.

A luta foi horrenda no escalar do entrincheiramento e no passar pelas brechas abertas pelo incêndio. ¡Luta a fogo; a veneno, nas setas ervadas; a machado de pedra, a espada e a punhal, à unha e a dente! ¡Corpo a corpo monstruoso! Os rudes, ásperos, horríveis gritos de guerra dos Tabajaras, dos Petiguaras e dos Ipús estrugiam no ar, formando um barbarizo ensurdecedor. Horas de horroroso encarniçamento, em que a indiada fartou entre si a vontade de matar. Por fim, a guarnição esmoreceu, deu as costas e os portugueses ficaram senhores do campo de batalha. A Ibiapaba ficaria para sempre em seu poder.

Foram aprisionados dez soldados franceses que Pero Coelho de Sousa levaria mais tarde ao Governador Diogo Botelho. Êsses prisioneiros serviram de intermediários à celebração da paz entre os conquistadores e as tabas confederadas da região, participando da mesma Jurupari-assú, Irapuan e mais outro morubixaba de grande prestígio chamado Ubaúna. Adolfo Montbille, com as relíquias de seus mosqueteiros vencidos, devia retirar-se definitivamente para o Maranhão. Até a Ibiapaba, a terra era tôda de Portugal.

Vê-se pelo que fêz que Pero Coelho de Sousa era homem astuto e inteligente, além de extraordinàriamente bravo. Depois de atingida e conquistada a Serra, que era o sonho que a todos açulara, viu-se metido, como se diz vulgarmente, num beco sem saída. Nenhum ouro para tentar os ávidos companheiros. Nenhum lucro visível, palpável, concreto após tantas canseiras

e lutas. Nenhum recurso mesmo, a-fim-de ali se estabelecer e explorar o pau-brasil. Vencera os homens, era verdade, mas via-se quási vencido pelo meio. Estava diante dum dilema terrível: ou regressar ou prosseguir. Regressar seria refazer de mãos vazias e sem esperanças a longa caminhada feita com o anseio de encher as mãos, arriscando-se a todos os percalços das retiradas. Prosseguir era talvez encontrar uma notícia mais clara e mais segura do misterioso El Dorado, aproximar-se dêle, encontrá-lo, ¿quem sabe?

¿Quem sabe?

Naquele tempo de incríveis aventuras, todos os conquistadores do Novo Mundo poderiam dum momento para outro verem-se diante de refulgentes e ignotos impérios como os dos Aztecas e dos Incas.

Para alcançar o El Dorado havia que vencer as barreiras dos franceses, donos do Maranhão. Então, no raciocínio do capitão-mor, com tôda a certeza se fazia ouvir a voz de sua audácia natural, que lhe escondia tôdas as graves dificuldades da realização da emprêsa.

Envaidecido pelos triunfos já obtidos, resolveu tentar a investida, pouco se importando com o nariz torcido de seus companheiros. Deu as suas ordens de marcha de modo peremptório, para evitar comentários e discussões. Tranpôs a Ibiapaba. Avançou pelo ardente araxá piauiense em fora, na região de Piracuruca, onde se elevam do solo calcinado, como ruínas de cidades atlantes, arquitecturas de rochas esculpidas e filigranadas pelas erosões milenarias. Os auxiliares indígenas, temerosos daquela arrancada, foram-se deixando ficar para trás.

Chegou, acompanhado quási que sòmente de seus desfal-

cados mosqueteiros, às barreiras do rio Punaré, hoje Parnaíba, cujo delta, mais para baixo, se abria em ilhas e canais. Do outro lado era a terra do Maranhão, em poder dos franceses. Atravessou o rio sem vacilar e sem dar aos outros o tempo de vacilarem. Caminhara já quarenta léguas pelo Maranhão adentro, quando a soldadesca esfomeada e sofredora compreendeu a loucura que cometiam e se rebelou.

Estavam exhaustos, doentes, quási nus. Restava-lhes pouca pólvora. ¿Como empreender a conquista dos estabelecimentos franceses bem providos de armas e de homens, contando com recursos de tôda a sorte, naquelas condições? De-certo o capitão-mor, transtornado por tudo o que até ali acontecera e pela amarga desilusão de não achar o ouro que esperava e prometera, ficara louco.

Os cabos reüniram-se e foram à sua presença. Falaram-lhe em nome da tropa esmorecida. Tinham vindo em busca de ouro, não o haviam achado e sòmente colheram privações, moléstias, combates sem tréguas, o estropiamento e a morte. Era desmarcada temeridade aos olhos e na convicção de todos, senão loucura manifesta, avançar mais naquelas condições, alongando-se cada dia de sua base de operações — a Paraíba — e indo atacar os franceses do Maranhão com menos de cinqüenta homens mal comidos, mal vestidos e mal armados. Todos estavam decididos a voltar ao Ceará, porque ficariam mais próximos de Natal e da Paraíba, onde se poderiam abastecer e buscar socorro. Se o capitão-mor queria mesmo teimar em conquistar o Maranhão aos franceses, que o fizesse sòzinho. Não havia um só dos seus companheiros que estivesse suficientemente doido para acompanhá-lo.

¿Que poderia Pero Coelho de Sousa fazer diante disso?

As circuntâncias eram mais fortes do que a sua vontade poderosa. O receio dos outros sobrepunha-se à sua coragem de leão. Rangeu os dentes de raiva, tentou demovê-los com exortações e ameaças; mas foi obrigado a ordenar o regresso.

Alcançaram a barra do rio Ceará, local de seu primitivo estabelecimento, em petição de miséria. Vinham famintos pela comprida e árdua travessia em que se incluíam regiões como a de Irauçuba, onde quási nunca chove; estropiados e feridos pelas marchas e pelas incessantes guerrilhas contra o gentio, que, sentindo-os fracos, dêles se afastava e procurava liquidá-los; enfermos pelas privações, a falta de cuidados higiénicos, a ausência de medicamentos e as doenças tropicais. Uns arrastavam-se escorados a paus. Outros batiam o queixo com as febres malignas terçãs e quartãs. Ainda outros olhavam indiferentes os bordos roxos das feridas que começavam a gangrenar. ¡Aquela procissão de espectros eram os gloriosos conquistadores da Ibiapaba!

À margem do rio Ceará ou Seará ou, melhor ainda, Siará, que é a grafia dos documentos mais antigos, no seu desaguadouro, onde hoje fica o aeroporto da cidade de Fortaleza e a luz eléctrica se reflecte nas águas, o capitão-mor mandou edificar um arraial de taipa e palha, cujas casas foram habitadas pelos índios mansos e pelos soldados que já haviam constituído família com as índias, pais dos primeiros mamelucos da colónia. A êsse mísero arraial o capitão-mor, sempre lembrado de sua pátria distante, deu o nome de Nova Lisboa. As terras em volta receberam o de Nova Lusitânia.

É, na verdade, emocionante ver aquêle pequeno bando de lusitanos perdido nos areais duma costa ingrata, rodeado de índios e de perigos, baptizar com os nomes mais expressivos

de sua saüdade da gleba portuguesa os estabelecimentos paupérrimos que fundava e sabia destinados a uma vida efémera, embora sentisse que eram as sementes dum Grande Império.

No meio das choupanas e casebres ergueram um fortim com boa cêrca, onde a população se poderia acolher em caso de ataque dos índios. A essa acrópole de taipa e pau a pique deram o nome do grande padroeiro dos guerreiros da Ibéria católica: Sant'Iago.

Pero Coelho de Sousa perdera completamente a esperança de achar riquezas naturais e fáceis na desolada Capitania que lhe coubera por sorte. A expedição arruïnara-o completamente. Arrasara-o. Só lhe restava um meio de refazer o que gastara, se não queria abandonar covardemente a tentativa, o que se não quadrava com sua alma de português à antiga: era colonizar a terra e tirar da lavoura o que lhe negara em pepitas de ouro. Para isso seria necessário povoar o país, nêle plantando com o sangue de seu sangue a civilização do futuro. O aventureiro começava a amar o cenário da sua aventura e a sentir a imprescindível necessidade de nêle se fixar.

Deixou 45 soldados no fortim de Sant'Iago sob o comando de Simão Nunes Correia e foi buscar o de que carecia na Paraíba, *pedibus calcantibus,* levando consigo, como testemunhas vivas de suas vitórias e de sua audácia, os prisioneiros franceses da Ibiapaba e uma récua de índios das tríbus de Irapuan e Jurupari-assú, escravizados.

Era êsse o único *metal* de que dispunha. Vendeu-os fàcilmente e, com as somas que apurou, adquiriu víveres, munições, armas e instrumentos agrícolas, voltando ao Ceará numa caravela, tão decidido a viver na sua Capitania, povoá-la e fecundá-la, que trazia consigo a mulher e cinco filhos.

Corria o ano de 1605.

Naquela época, o açúcar era a grande riqueza de Pernambuco, da Paraíba e do Recôncavo baïano. O açúcar exigia para o plantio dos canaviais, colheita e transporte da cana numerosa mão de obra. Era um Moloc insaciável de trabalhadores. Não era possível arranjá-los livres. A necessidade obrigou a fazer e comprar escravos. Daí a frase corriqueira de que o açúcar era o negro.

Já em 1532, em carta, o padre da Companhia de Jesus, António Pires, descrevia a basta escravaria da Guiné e mesmo de *gente da terra,* índios, às vêzes também chamados negros, sobretudo nos primeiros tempos, escravatura que enxameava nos vastos canaviais da região pernambucana.

O negro da costa africana, mais dócil e adaptável ao eito do que o selvícola, mais capaz de afeição, custava bastante caro. Era peça de fazenda de alto valor. Usava-se no século XVII quanto possível o escravo índio, embora de qualidade inferior ao negro. Quem não podia comprar êste comprava o outro. Aliás, mau grado tudo, o aproveitamento do trabalho servil do indígena se prolongou oficialmente no Brasil até a terceira década do século XIX.

A escravização do índio é uma das mais dolorosas páginas de nossa história. Não a podemos, contudo, julgar com a mentalidade de hoje e do ponto de vista da maneira como vivemos. Para compreendê-la, não nos atrevemos a dizer — para escusá-la, seria preciso que nos transportássemos em corpo e alma ao Brasil daqueles tempos. *Necessitas caret lege.*

Em todo o caso, nenhum colonizador foi, em verdade, mais brando para a raça conquistada do que o português. Em tôda a parte. Nenhum compreendeu melhor que a resolução

do problema do povoamento, na ocasião e para o futuro, residia na mestiçagem e nenhum produziu maior número de ardentes defensores do indígena, cheios do mais puro espírito de caridade cristã.

Na primeira linha dêstes, inegàvelmente, os jesuítas, desde os primeiros catequistas. Incorrem por isso no desagrado dos paulitas, desafiam as iras dos maranhenses, são caluniados ou expulsos e, desde o meado do século XVII, atraem sôbre as suas missões guaranis, tampões entre possessões espanholas e portuguesas, o ódio feroz dos bandeirantes do lado de cá e dos adelantados do lado de lá.

Tanto para o sul como para o oeste, os bandeirantes tinham entrado ao princípio com o fito de *descer* o escravo índio. Depois é que buscaram o ouro e os diamantes. Assim, em muitos lugares, senão em quási todos, a procura da mão de obra precedeu à da riqueza metálica. O açúcar foi muito anterior às minas. Já São Vicente e Itamaracá produziam açúcar quando os paulistas começaram a batear os córregos pelos sertões dos Cataguazes. O século XVII é o século do açúcar. O século XVIII, o do ouro das Gerais. Dentro dos refolhos de todo o bandeirante palpitava sempre a alma do preador de índios.

A humanidade do jesuíta chocava-se, na questão, com a dureza real das contingências em que se viam os colonizadores com seus cabedais empatados em plantações e engenhos. O choque das duas correntes de opinião era fatal e reflectiu-se na legislação, em que se vê como o poder público, obedecendo às razões morais, às considerações espirituais da primeira, abre válvulas ou reconsidera actos, tomando em consideração as necessidades de ordem económica, naturalmente à voz de seus

conselheiros devidamente instruídos e impelidos pelos interessados.

Façamos um vôo de pássaro sôbre a questão.

A 10 de Setembro de 1611, El-Rei Felipe III de Portugal e IV de Castela promulgava uma lei, na qual reconhecia *em princípio* a liberdade dos índios; porém, declarava legítima a escravização dos que fôssem aprisionados em *justa guerra*. A justa guerra era uma válvula formidável. Pero Coelho de Sousa estaria neste caso. Nenhuma guerra mais justa do que a que levara a cabo na Ibiapaba. Os índios que aprisionara seriam legalmente, se tudo se passasse em 1611, e não mais ou menos um lustro antes, seus escravos.

Depois de 1611, a legislação colonial se enfarta de dispositivos controvertidos e contraditórios sôbre o cativeiro dos índios. A lei de 6 de Julho de 1755, por exemplo, acabou-o de vez; porém, as cartas régias de 13 de Maio, 5 de Novembro e 2 de Dezembro de 1808 autorizaram guerras de corso contra os índios, devendo os prisioneiros permanecer em servidão por espaço de 15 anos!

Coube ao Império, no período regencial, derrogar essa antiquada legislação pela lei de 27 de Outubro de 1831, que libertou os índios ainda conservados em sujeição e os colocou sob a protecção dos juízes de órfãos.

É natural, assim, que Pero Coelho, nos primeiros anos do século XVII, tenha encontrado na Paraíba bom preço pelos índios cativos que trazia da Ibiapaba. Isto lhe abriu perspectivas de óptimo negócio, mais rápido em seus lucros e muito menos trabalhoso do que a agricultura. De retôrno ao Ceará, fêz-se logo mercador de carne humana. Era o único meio que se lhe antolhava de obter com certa brevidade os recursos monetários

de que em extremo carecia. Reenviou, pois, a caravela que o trouxera carregada de escravos e começou a efectuar o que se chamava guerra de corso, a-fim-de agarrá-los.

Cada um dos bandeirantes da Nova Lisboa entendeu que devia seguir o exemplo dado pelo capitão-mor. Começaram a escravizar, fazendo entradas pelos sertões próximos, os bárbaros Tramembés, cujos derradeiros e tristes restos se extinguiram na povoação de São Bento da Almofala, em 1817. Quando êsses Tapuias assombrados se sumiram, migrando para muito longe, escravizaram os Tupis.

As tríbus que estadeavam nos arredores da Nova Lusitânia, plantando e colhendo, pescando e caçando à sombra das pazes feitas, tomaram-se de natural pavor e se alongaram para o sertão. Não querendo que cessasse o lucrativo tráfico, os portugueses cometeram, então, o hediondo e injustificável êrro de escravizar e vender os próprios índios aliados, restos de seus antigos companheiros Tabajaras e Petiguaras na gloriosa conquista da Ibiapaba.

Fêz-se o deserto em volta do arraial luso. A falta de população espavorida trouxe para os colonizadores a carência absoluta de produtos agrícolas. Desde que o conquistador só se ocupava em colhêr escravos, era o índio aliado ou manso quem plantava a mandioca e fabricava a farinha. Não havendo mais nenhum escravo para vender, nenhum barco passou mais das salinas de Mossoró e veio à Nova Lisboa. Além disso, os portugueses, compreendendo o mal que haviam praticado, começaram a viver alanceados pelo temor duma aliança contra êles por tôdas as tríbus indignadas com o seu procedimento.

Elas estavam silenciosamente recolhidas ao seio do sertão, mas desceriam indefectìvelmente às praias de Outubro em

diante, mal se anunciasse a colheita do caju. ¿Como resistir ao seu ímpeto? ¿Como defender-se de seu número esmagador? Por isso, os aventureiros, pondo-se todos de acôrdo, forçaram Pero Coelho de Sousa a transferir o estabelecimento para a foz do rio Jaguaribe. Assim, em caso de perigo, ficavam sempre um pouco mais perto de Natal e da Paraíba, de onde lhes poderia vir socorro.

Demais, ali devia estar a chegar, pelos cálculos que faziam, com seis barcos carregados de mantimentos, um tal João Soromenho, a quem, de conformidade com o que fôra solenemente prometido ao capitão-mor, quando estivera na Paraíba, o Govêrno dera os meios necessários à realização dessa incumbência, entregando-lhe a soma de mil cruzados obtida com a imposição dos vinhos.

Os soldados lusos construíram na embocadura do rio Jaguaribe um fortim de taipa, a que deram o nome de São Lourenço. O lugar, pouco acima da actual cidade do Aracati, na margem contrária, conserva até hoje o nome de Fortim. É um povoado de pescadores.

Esperaram debalde João Soromenho. Êle ali chegara antes dêles, desembarcara, cativara os índios que pudera e se fizera de vela com as prêsas e mais a fazenda destinada a Pero Coelho de Sousa. Não fizera um esfôrço para comunicar com êle, nem indagara de seu paradeiro, muito contente com o pretexto de o não haver encontrado, o que lhe permitia ir embora, evitando qualquer bote de surprêsa dos selvagens para a libertação dos cativos metidos nos seus porões. Quando se soube dêsse infame procedimento na Capitania da Paraíba, levantou-se terrível onda de indignação contra o miserável João Soromenho.

No fim do próprio ano de 1605, já o Govêrno Real man-

dava a Relação da Baía abrir auto de devassa sôbre o procedimento de João Soromenho. Apurou-se de modo insofismável a sua culpabilidade. Pela provisão régia de 19 de Setembro de 1606, foi preso e mandado para Lisboa, onde morreu na cadeia do Limoeiro. Uma carta da Câmara de Olinda, de 10 de Dezembro de 1608, restituiu os índios escravizados à sua terra natal, dando-lhes como indemnização mantimentos e ferramentas.

O não aparecimento de João Soromenho desfez as derradeiras esperanças do capitão-mor. Faltavam-lhe companheiros habituados à agricultura, sementes para plantar, víveres para esperar as colheitas, roupas para se cobrir e munições para se defender. Entretanto, aferrava-se com uma teimosia de desesperado à terra adusta que conquistara.

Um dia, Simões Nunes Correia foi à sua presença e, em nome dos soldados que comandava, declarou que todos êles queriam regressar sem demora à Paraíba, fartos de sofrer sem resultado. ¡Já não suportavam mais aquela vida! Pero Coelho de Sousa respondeu-lhe que todos podiam desanimar, menos êle. Era o único que não tinha êsse direito. Podia ser que os socorros ainda aparecessem. Tinha promessas formais do Govêrno. Estava decidido a continuar a luta. Quem quisesse que se fôsse.

Simão Nunes Correia teve a delicadeza de poupar ao seu angustiado chefe o desgôsto de vê-lo em franca atitude de rebeldia. Pediu-lhe licença para atravessar o rio Jaguaribe com os homens válidos e procurar da outra margem até a chapada próxima frutas, caça ou roças de índios. O capitão-mor compreendeu-lhe a intenção, mas consentiu. Foram e nunca mais voltaram. Nunca mais!

Pero Coelho de Sousa ficou no mísero fortim de taipa e pau a pique quási sem recursos, com a mulher, os cinco filhos e dezóito soldados estropiados. Para cúmulo da desgraça, depois da partida de Simão Nunes Correia, a seca se estendeu como um véu de luto sôbre a face da terra cearense. Foi a primeira seca de que há notícia histórica.

Escorraçada pela falta de água, a população nómada dos sertões, tanto Tapuias como Tupis, procurou acolher-se às serras húmidas e felizes que se erguiam aqui e ali, Meruoca, Uruburetama, Camará, Maranguape, Aratanha, Baturité, ou às chapadas umbrosas do Apodi, Araripe e Ibiapaba. Os índios que já ocupavam êsses lugares escolhidos procuraram naturalmente repelil-la. Houve choques. O rumor das guerras bárbaras espalhou-se por tôda a parte e, receando as violências das agressões, famintas e sequiosas, outras tríbus foram recalcadas para o vale do Jaguaribe e os cajueirais do litoral. Começaram a rondar o fortim português. Não tinham, porém, ânimo de se apresentarem de peito aberto. O prestígio guerreiro daqueles conquistadores impunha-lhes supersticioso respeito.

Em memória da sua arrancada até os lindes maranhenses, depois das vitórias na Serra Grande contra os franceses, os índios haviam apelidado Pero Coelho de Sousa como o Punaré. Era o nome do grande rio que marcava o limite das possessões francesas para o sul, o Parnaíba, que êle audaciosamente atravessara. Era também o nome dum rato silvestre, de reconhecida esperteza, o que envolvia uma homenagem às traças que pusera em prática para a conquista das cêrcas de Irapuan e Jurupari-assú. O leão moribundo impunha-se ainda. ¡Ninguém tinha coragem de atacar o velho Punaré!

Evidenciou-se bem êsse respeito durante a sinistra retirada

dos lusos na direcção de Natal. Dias e dias percorreram a costa, arrastando-se famintos e sedentos. Estavam desarmados e incapazes de oferecer a menor resistência a meia dúzia de frecheiros tabajaras ou cariris. Todavia não sofreram o menor ataque, embora fôssem seguidos aqui e ali pelos guerreiros das tríbus que, a-pesar-da seca, demoravam pela costa. É um facto notável êsse da bandeira de Pero Coelho de Sousa, destroçada e reduzida a frangalhos, percorrer num período calamitoso dezenas e dezenas de léguas dum litoral mal conhecido sem que o indígena lhe tivesse feito o menor mal. Isso sòmente se explica pelo prestígio guerreiro que o seu chefe conquistara nos duros e sangrentos combates da Ibiapaba. Êle acabara escravizando o selvícola, sem distinção de raça ou partido. O selvícola via-o ao desamparo e nem se aproximava para vingar os agravos recebidos.

¡A seca!

Nem um pingo de chuva caía do céu. Nem uma nuvem se via dias e dias seguidos no seu azul translúcido e inexorável. A canícula abrasadora sugava do solo estorricado as últimas gotas de humidade infiltradas nas últimas camadas. Os ventos alíseos, favorecidos pela direcção da costa, tangiam as nuvens carregadas de vapor de água, quando por acaso apareciam, para outras regiões mais predispostas pela natureza a recebê-las. E o sol dessorava e comburia a terra exhausta num amplexo luminoso de impiedosa destruïção.

A caça desapareceu de todo, como se a vida se extinguisse. Nem os ínfimos roedores — preás, mocós, pixunas, guabirús e punarés — se encontravam nas quebradas das serrotas. As próprias feras haviam fugido. Estendiam-se a perder de vista os esqueletos negros das catingas, em cujas garrancheiras o

aracatú, o vento fresco da noite, uivava lùgubremente. E os vastos carnaubais cobriam-se com uma poeira azulada, acinzentada, que defendia do terrível calor solar as suas palmas em leque, vibrantes como harpas eólias.

Pero Coelho de Sousa, que a tudo resistira até ali, não pôde resistir à seca. A natureza vencia quem os homens não haviam podido vencer. Ordenou a retirada. O mar enchia em longo percurso o estuário do rio Jaguaribe. Era preciso atravessá-lo. Lutando com as maiores dificuldades, construíram algumas balsas. Na outra margem, encetaram a caminhada para o Rio Grande do Norte.

Iniciavam uma epopeia trágica que Diogo de Campos Moreno, seu contemporâneo e tio de Martim Soares, um dos cabos de Pero Coelho de Sousa, comparou com tôda a razão à de Manuel de Sousa de Sepúlveda na terra dos cafres. Faltou um Camões para cantá-la. Não era possível um Camões para cada uma dessas epopeias, numa época em que Portugal as atirava às mancheias pelos litorais deshabitados e pelos sertões adustos, nas Índias, nas Áfricas e nas Américas, dando vida pela dor e pelo heroísmo a mundos novos, fecundando os desertos.

Caminharam pela praia fora lentamente, com fome e sêde, três longos dias seguidos, sob o látego de brasa do sol. Pero Coelho de Sousa, sem dar palavra, levava às costas os dois filhos mais pequenos. D. Maria Tomásia, sua espôsa, resignada, estóica, cheia de fé, infundia ânimo a todos pelas palavras e pelas obras. Não haveria de ser nada, com o favor de Deus!

Por vêzes, quando uma lufada mais forte do alíseo fazia redemoïnhar a fina areia prateada das dunas sem fim, um sol-

dado perdia o prumo e tombava de costas, inanimado. ¿Como socorrê-lo? ¿Como carregá-lo? ¡Homem caído era homem morto! Ficava ali, acabando-se aos poucos. A própria duna movediça e estéril encarregava-se de ir sepultando devagarinho o cadáver, ràpidamente mumificado pelo calor do sol. O primeiro a morrer assim foi o carpinteiro da expedição, o homem que falquejara mourões e traves dos primeiros fortins portugueses na terra cearense, construira as *tortugas* da Ibiapaba e fizera as balsas que permitiram a retirada.

No terceiro dia da caminhada, com as solas dos pés queimadas pela areia incandescente, encontraram uma cacimba de índios caçadores ou pescadores. A água era relativamente boa. Ao pé dela, descansaram dois dias. Não descansaram mais com receio da aproximação de selvagens em busca de água. Por cima da garrancheira dos extensos tabuleiros litorâneos, avistavam, perfiladas no céu límpido, as fumaças das fogueiras dos pousos dos indígenas. Eram, com certeza, Tapuias canibais que os seguiam, esperando uma oportunidade para frechá-los e devorá-los.

Nos dias subseqüentes, deram com duas novas cacimbas ou, melhor, poças de água. Padeceram muito, porque a não puderam tragar. Era choca. Cobria-se com o chamalote da caparrosa. Amargava como fel. Ao seu contacto, as mucosas engelhavam-se como sob o efeito de violento tanino, repelindo-a. ¡Tântalos, deitados de bruços, lambiam a areia húmida, chorando! ¡Os soluços das criancinhas cortavam o coração! As duas poças eram conhecidas da gente nómada da região. Os portugueses chamaram a uma Amargosa. Os índios chamavam a outra Guamaré. Êste último nome permaneceu na toponímia, adulterado pelo povo mestiço em Aguamaré.

Naquela desastrosa situação, D. Maria Tomásia suplicava a Pero Coelho de Sousa que a deixasse com os filhos e os companheiros, procurando salvar-se sòzinho, como boa semente de varão que era, como um chefe raro pela sua experiência e bravura. Estropiados, mulher e crianças eram pesos mortos que lhe impediam a salvação. Sàdio e forte como ainda se achava, fácil lhe fôra alcançar Natal e dali voltar com recursos que a todos salvassem. Do contrário todos pereceriam, inclusive êle próprio.

O capitão-mor recusava o alvitre, animando com palavras e o exemplo a um por um e a retirada prosseguia. Morreram os seus dois filhos menores, os que conduzia às costas. ¡Enterrou-os com as próprias mãos, consolando a dor da pobre mãi! Sua fibra era de aço. Duas cruzes de pau ficaram espetadas no areal branco.

Mas parece que tudo se comprazia em torturá-lo cada vez mais. Aquela retirada era um Calvário que se povoava dia a dia de novos suplícios. Às torturas de Ugolino e de Tântalo, juntar-se-ia ainda a da esperança, que Villiers de l'Isle Adam imaginaria. ¡Certa manhã, na altura das salinas de Mossoró, onde por desgraça não haviam encontrado ninguém, quando todos dormiam ainda, um bergantim passou a curta distância da praia, bordejando, de velas pandas!

Um dos retirantes despertou de súbito e avistou a embarcação. Primeiramente, cuidou fôsse um sonho. Esfregou os olhos, certificou-se da verdade e soltou um grito estertorado que acordou os combalidos companheiros. Todos se ergueram e caíram de joelhos, rezando em acção de graças. Depois, de pé, gritaram como loucos, acenaram com os molambos que ainda possuíam, dispararam o derradeiro tiro do derradeiro mosquete.

De bordo, naturalmente por causa do vento contrário, ninguém os ouviu e as velas brancas do bergantim foram deminuindo, fugindo para sempre no horizonte azul. ¡Foi pavoroso o seu desespêro! Rolavam pelo chão, mordendo-se, uivando. Com grande dificuldade, Pero Coelho de Sousa conseguiu acalmar a todos, depois de se haver acalmado a si próprio.

Fizeram afinal das tripas coração e recomeçaram a trágica marcha. Adiante, nos mangues, provàvelmente do rio Assú, fartaram-se de aratús, caranguejos, siris e guaiamuns, que comiam crus. Uma cacimba de água bebível, das que os índios se reservavam e freqüentavam naquelas solidões, deu-lhes novas fôrças para o prosseguimento da infindável jornada.

Alguns dias mais tarde novamente se arrastavam com fome, sêde e febre. Morreu de inanição sôbre o areal ardente o filho mais velho do capitão-mor. Tinha dezóito anos. Então, a formidável energia de Pero Coelho de Sousa, que resistira a tôdas as vicissitudes e provações, repentinamente se partiu como um tronco de aroeira secular que arrostou tôdas as fúrias da tormenta e, de súbito, desaba ferido pelo último raio. ¡Morrera a sua projecção máscula no tempo, o futuro de sua casa, a perpetuïdade de sua raça, o nome de sua família com aquêle adolescente, seu primogénito, seu morgado, seu herdeiro! Emmudeceu e ficou inteiramente apático.

A espôsa, porém, não se deixou abater pelo rude golpe. Com ânimo varonil resistiu a mais êsse suplício atroz, à dor intraduzível de perder o filho mais velho, para salvar, com os companheiros, os dois que lhe restavam. Fêz as vêzes de capitão-mor, chefiando dali por diante a lúgubre procissão de espectros.

Dias e dias, noites e noites, o martírio atroz continuou.

Engatinharam pelas dunas escaldantes. Acabaram arrastando-se. Uma tarde, o sol desaparecia no poente esbraseado, arroxeando os morros e o mar convulso. As águas do Potengi pareciam tingidas de violeta. Sôbre a brancura da areia, na margem fronteira a Natal, um montão de formas humanas que rojavam pelo areal ficou de repente imóvel. ¡Êsses esqueletos — pouco mais de meia dúzia — envoltos em trapos e que ali tombavam inertes eram os Conquistadores da Ibiapaba!

Um ainda tentou erguer-se. Seus olhos embaciados deram com vultos que se aproximavam e se distinguiam muito negros na fulguração do poente sôbre a alvura das dunas. Grunhiu:

— Gente!

Com o braço descarnado e empretecido, continuou apontando os que chegavam e ria, ria como um perdido, inteiramente louco!

Os vultos eram Petiguaras catequizados, guiados pelo vigário de Natal, que traziam socorros aos infelizes e rêdes para conduzi-los. Prevenido do abandono em que ficara o capitão-mor do Ceará por Simão Nunes Correia, quando êste passara por ali em busca da Paraíba, o bom padre reünira alguns de seus catecúmenos e decidira ir ao seu encontro, pondo-se em marcha naquele dia.

Era fatal a seca obrigar Pero Coelho de Sousa a retirar. Devia vir por fôrça pelo caminho das praias. Mal encetava a viagem, o vigário dava com os míseros retirantes. ¡Uma felicidade para todos!

Pero Coelho de Sousa não se refez nem se podia refazer daquela luta titânica. Morreu cristãmente em Lisboa, após ter ido da Paraíba para o Reino, a requerer seus serviços, tendo gasto anos sem nada conseguir, mais pobre do que nunca, sem

dinheiro para o lençol da mortalha. Além disso, não faltou quem o caluniasse, atribuindo-lhe a culpa de tudo o que de mau acontecera e as piores intenções. A verdade, no entanto, é que escreveu com o suor das angústias e o sangue do martírio a primeira página da história do Ceará, a qual como que foi o anúncio do destino impiedoso duma terra de sol e de dor.

Essa página demonstra que, sob o poderoso domínio da Espanha Imperial, a alma de Portugal não deixou nunca de palpitar, cheia de vida, nas terras que êle descobrira, conservando-as, explorando-as, povoando-as, aumentando-as, expulsando invasores inglêses, franceses e flamengos, arredondando as fronteiras, conquistando as cordilheiras e os sertões, varando os rios imensos, palmilhando os litorais, costurando as soluções de continuïdade, prosseguindo sem pausa a obra formidável da construção do Império.

Durante todo o domínio espanhol, não há que ver, constrangida na Europa, a alma de Portugal viveu intensamente no Brasil, pelo Brasil e para o Brasil, confundindo-se com o Espírito Brasileiro que nascia da fôrça histórica e tradicional da coesão portuguesa. A trágica epopeia de Pero Coelho de Sousa, que semeou de filhos mortos as dunas nordestinas, é o melhor exemplo do que afirmamos.

Quando D. Sebastião pereceu em África e se abriu a infeliz sucessão que levaria o Reino aos Felipes castelhanos, entre Natal e o Maranhão, entre o Potengi e o Punaré, estendia-se como *res nullius,* como terra de ninguém, o Ceará. Quando a revolução vitoriosa de 1640 restaurou o trono com a dinastia bragantina, já o heroismo dos Conquistadores de Ibiapaba ligara essas duas partes do Brasil. Quando se expulsaram os intrusos heréticos da Baía, de Pernambuco, da Paraíba, do Maranhão

e alhures, não existia mais a solução de continuïdade litorânea do Ceará. Pero Coelho de Sousa acabara com ela. Foi êsse o seu papel na construção do Império. Graças ao seu sacrifício, o Brasil apresentava-se perante a Restauração com a sua linha de costas integral sôbre o Atlântico.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Abbeville (Cláudio de) — «Histoire de la mission des péres capucins en l'isle de Maragnan».

Abreu (Capistrano de)—«Caminhos antigos»—«Prolegómenos».

Alencar (José de) — «Iracema».

Barroso (Gustavo) — «Terra de sol» — «Aquém da Atlântida» — «Idéias e palavras».

Berredo — «Anais históricos do Maranhão».

Bezerra de Meneses (António) — «O Ceará e os cearenses» — «Algumas origens do Ceará».

Brígido (João) — «O Ceará — Homens e Factos».

Casal (Aires do) — «Corografia Brasílica».

Catunda (Joaquim) — «Estudos de história do Ceará».

Dias (Gonçalves) — «Dicionário da língua tupi» — «Brasil e Oceânia».

Dodt (Dr. Gustavo) — «Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi».

Durão (Santa Rita) — «Caramurú».

Gaffarel (Paul) — «Histoire du Brésil français».

Handelmann — «Geschichte von Brasilien».

Jaboatão (Frei António de Santa Maria) — «Novo Orbe Seráfico Brasílico».

Lisboa (João Francisco) — «Obras completas».

Martius (Von) — «Imperiae Florae Brasiliensis».

Mendes (Cândido) — «Memórias para a história do Maranhão».

Montoya (P.e Ruiz de) — «Tesoro de la lengua guarani».

Moreno (Diogo de Campos) — «Jornada do Maranhão».

Moreno (Martim Soares) — «Relação do Ceará».

Oliveira Martins — «Portugal nos mares».

Pompeu (Senador Tomaz) — «Clima e secas do Ceará» — «Dicionário topográfico e estatístico da província do Ceará» — «Resumo cronológico da história do Ceará» — «Apontamentos para a corografia do Ceará».

Pompeu (Walter) — «Ceará-Colónia».

Rio Branco (Barão do) — «Efemérides Brasileiras».

Rocha Pita (Sebastião da) — «História da América Portuguesa».

Salvador (Frei Vicente do) — «História do Brasil».

Sampaio (Teodoro) — «O Tupi na geografia nacional».

Schlumberger (Gustave) — «L'expédition des almogavars».

Southey (Robert) — «History of Brazil».

Spix und Martius — «Reise in Brasilien».

Studart (Barão de) — «Tri-centenário do Ceará» — «Datas e factos para a história do Ceará».

Studart (Carlos) — «Notas históricas sôbre os indígenas cearenses».

Tharaud (Jerôme et Jean) — «Le passant d'Ethiopie».

Theberge (Pedro) — «Esbôço histórico sôbre a província do Ceará».

Varnhagen — «História geral do Brasil» (com anotações de Rodolfo Garcia).

Viterbo (Sousa) — «A armaria em Portugal».

Yves d'Evreux — «Histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan».

Êste livro, realizado pela Editorial Ática, Limitada, Rua das Chagas, 23 a 27, Lisboa, foi composto e impresso durante o mês de Maio de 1940.